

AFONSO LOPES VIEIRA, POETA DE S. PEDRO DE MOEL

Exm^{os}. Senhores:

Vereador da Cultura da Câmara Municipal da Marinha Grande, Armando Constâncio;

Directora da Biblioteca Municipal da Marinha Grande, Dr^a. Maria de Jesus;

Minhas senhoras e meus senhores:

Foi com muito gosto que acedi ao convite da Câmara Municipal da Marinha Grande para me encontrar hoje aqui a comemorar esta data que une esta assembleia de pessoas — os 118 anos sobre o nascimento do nosso poeta amigo Afonso Lopes Vieira [ALV], ocorrido a 26 de Janeiro de 1878, e os 50 anos e mais um dia sobre a data da sua morte, ocorrida em 25 de Janeiro de 1946, a um dia, portanto, de completar os 68 anos de idade.

Gostaria de esclarecer o duplo motivo que me obrigou a aceitar este amável convite. Em primeiro lugar, o facto tão natural de ser uma filha desta terra, desde tempos perdidos na árvore genealógica de uma família, cujas origens se prendem com a criação da Real Fábrica de Vidros, e de ser amiga há muito daquele que é hoje o nosso Presidente da Câmara — Álvaro Órfão. Por ser marinhense e por não poder dizer nunca um categórico “não” a uma solicitação do seu Presidente, senti-me eticamente obrigada a pensar nalgumas palavras para hoje aqui voltarmos a encontrar ALV e a sua poesia.

A segunda razão prende-se com o facto de me encontrar a investigar um tema literário, que é o próprio ALV, e, como todo o investigador, obedecer a um compromisso moral de partilhar com os outros os dados que vou recolhendo.

Mas a verdade é que nunca os santos da casa fizeram milagres, como o diz o próprio ALV sobre o nosso Santo António, que os italianos tão bem acolheram e nós quase negligenciámos. ALV foi já anteriormente estudado por conterrâneos nossos, que se sentiram atraídos por essa figura complexa de aristocrata popular, por quem muitos sentiam simpatia, e que o desprezo de outros tem contribuído para ignorar.

É o caso paradigmático de Alfredo Gândara, que proferiu uma conferência em 7 de Setembro de 1952, na Casa do Poeta, em S. Pedro de Moel, que viria a ser publicada em 1953, com o título *As raízes da obra de Afonso Lopes Vieira*. Aí Alfredo Gândara presta uma homenagem ao poeta seu amigo, e mostra como ele, e os seus pais, se faziam rodear por um grupo de amigos cultos, entre os quais se incluíam os marinhenses Joaquim e José Taibner de Morais, o Dr. Alves Crespo, Ilídio de Carvalho e o engenheiro Arala Pinto. Mostra também que o facto de ter habitado, durante largas temporadas, a casa-barco de S. Pedro de Moel marcou profundamente a sua escrita e, por isso, defende que grande parte das raízes da obra de ALV estão no ambiente de S. Pedro de Moel: o mar e todos os

elementos marítimos, o pinhal, as figuras históricas-míticas de D. Dinis e D. Isabel, as saudades da natureza marítima que vai sentir ao longo da sua vida, seja em Coimbra, no tempo de estudante, seja durante os longos Invernos em Lisboa, e nalgumas viagens ao estrangeiro.

Ora, se mais nenhum marinhense publicou nada sobre ALV, a verdade é que ele continuou a ser figura de destaque no nosso meio, o que posso comprovar com alguma correspondência que encontrei nos XIV grossos volumes das *Cartas e Outros Escriptos dirigidos a Affonso Lopes Vieira*, que a Biblioteca Municipal de Leiria [BML], Dr. ALV, guarda inéditos no seu espólio. Assim, no Vol. VI, encontra-se um documento não datado [provavelmente datável à volta de 1920, a acreditarmos numa certa ordenação cronológica, que o situa relativamente a documentos anteriores e posteriores], e com uma assinatura que eu não consegui decifrar, que demonstra bem o apreço de ALV por esta nossa terra — tentou evitar o corte de alguns pinheiros, que, segundo a sua sensibilidade de artista, destruiriam a beleza da paisagem que ele amava como a sua alma. Eis o teor da resposta recebida por ALV:

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria / Direcção Geral da Agricultura / Repartição dos Serviços Florestaes e Agricolas

Exm^o. Sr. e Amigo:

Recebi o seu postal de 15 do corrente e recommendei o caso dos pinheiros de S. Pedro, para evitar o seu córte, que effectivamente prejudicaria a paisagem, estando completamente d'accordo com a opinião de V. E. e dos Saulistas? [palavra que não consegui decifrar — talvez o nome de outros defensores dos pinheiros], amantes de S. Pedro, que amam a sua sombra.

Subscrevo-me com toda a consideração

de V. E^a.

Muito dedicado e amigo

[assinatura irreconhecível]

Esta resposta pressupõe que ALV levava as suas lutas até ao fim, e que procurava mover a pesada máquina do Estado em favor de uma riqueza natural que alimentava a sua sensibilidade e a sua veia criativa.

S. Pedro de Moel aparece assim como um lugar de eleição, onde provavelmente terá escrito grande parte da sua obra. Talvez por essa relação de profunda empatia se perceba a doação da sua casa aos filhos dos trabalhadores das Matas Nacionais e aos operários vidreiros da Marinha Grande, para que as crianças dela pudessem usufruir. Talvez seja esta a ligação mais forte que a nossa terra estabeleceu com esse homem-poeta: a partilha de um espaço que sempre sentimos privilegiado pela sua posição estratégica de enseada marítima, propícia ao sonho e ao devaneio, à ilusão de uma perfeição onde os ritmos da vida fossem os ritmos da natureza. E o reconhecimento de um amor pela nossa terra, que o levou a fazer esta doação como um testamento da sua ligação para a eternidade a uma (então) pequena vila vidreira.

Matilde Bensaúde, talvez a primeira bióloga portuguesa de renome internacional, sintetiza muito bem numa carta, presente no XIII Vol. da Correspondência, a importância

de ALV para a Marinha Grande, na sequência de uma homenagem prestada pelo povo trabalhador:

Ponta Delgada, S. Miguel, Açores / 27 de Outubro de 1940.

Meu caro Poeta e velho amigo,

Vi no nosso jornaleco da ilha que os operarios da Fabrica da Marinha Grande lhe tinham prestado uma homenagem, e depois vi porquê! Não posso deixar de lhe escrever para lhe dizer o prazer que tenho, em saber que a querida casa, onde passei horas tão felizes (no tempo em que se podia ser feliz, sem remorsos), vai servir para um fim tão bom e santo. A infelicidade do mundo, vem de que os homens se esquecem de que a virtude não é um luxo mas sim uma condição, *sine qua non*, de vida, para os povos, como para as familias. O seu instinto do bem, levaram-no sempre pela mão através de todas as tentações de estetica pura, para o que é solidamente e verdadeiramente fundamental. Comove-me e atrai-me esse grande coração, que em vez de secar com os anos se torna sempre mais verdadeiramente bom. Por ser mulher, talvez, não posso deixar de ver nessa sua evolução constante para o bem, a influencia silenciosa, mas sempre igual e sincera de sua santa Helena. [...]

O povo da M^a. Grande mostrava-se assim reconhecido a um homem que tinha elegido esta terra por sua. Já antes, em 11 de Novembro de 1938, Adolfo Laborinho Cardoso, escrevia a ALV (no Vol. XI da Cor.), a agradecer-lhe o seu testamento e a brilhante ideia do busto de Guilherme Stephens na praça da Marinha Grande, que tinha sido ideia do poeta.

O Dr. Calazans Duarte tem também alguma correspondência com o poeta sobre a inauguração do busto de Guilherme Stephens. A sua sensibilidade ia, pois, ao ponto de perceber que é à volta dos seus heróis-modelos que as vilas podem prosperar e comprometer-se numa grandeza superior a elas próprias. No espólio da BML, encontra-se ainda um manuscrito de 5 páginas, com a caligrafia de ALV, que julgo inédito, e que deve ter servido para um Discurso feito na Casa do Distrito de Leiria, a 29 de Janeiro de 1941, onde se faz o elogio do Dr. Calazans Duarte, director da então Nacional Fábrica de Vidros da M^a. Grande, e onde se reitera a honestidade do povo trabalhador desta terra. Se nos lembrarmos da muito antiga e um pouco maliciosa rivalidade entre Leiria e M^a. Grande, compreenderemos melhor a importância desta, na aparência simples, referência feita pelo poeta de S. Pedro de Moel.

Em 22 de Abril de 1941, o então Vice Presidente da C. M. da M^a. Grande, Adriano Marques Roldão, escrevia a ALV para lhe comunicar a decisão de conceder o nome do poeta à praça de S. Pedro de Moel. Eis as suas palavras, registadas no Vol. X da Correspondência:

Câmara Municipal da M^a Grande

Exm^o. Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira / Rua da Rosa 7 / Lisboa

Tenho a honra e o prazer de levar ao conhecimento de V. Ex^a que a Camara da minha presidencia, em sua reunião ordinária celebrada em 17 do corrente, resolveu dar o nome de V. Ex^a. à praça da povoação da Praia de S. Pedro de Moel.

A Marinha Grande presta nesta simples homenagem a V. Ex^a. o testemunho da sua maior gratidão, pelo amor, carinho, pelo interesse, e pela justiça, que V. Ex^a. tantas vezes tem feito à nossa terra.

Quer a M^a. Grande que o nome de V. Ex^a. fique ainda mais ligado à Praia de S. Pedro de

Moel que V. Ex^a. tanto adora, e aonde tem escrito as paginas mais brilhantes, da sua grande e incomparavel Obra.

**Aceite V. Ex^a. os protextos [sic] da mais elevada admiração por V. Ex^a.
A Bem da Nação [...]**

No espólio da BML encontrámos também 2 folhas com pautas e música, assinadas por José Vianna da Motta, uma com a data de Setembro de 1929, marcada na caligrafia de ALV com um “Casa de S. Pedro”, e a outra com a data de 9 de Agosto de 1942, onde se pode ler “Voo em Casa de S. Pedro de Moel”. Como estes, outros exemplares terão sido perdidos da memória de um tempo e das visitas, quase todas elas com nome artístico, que visitaram a casa de S. Pedro de Moel e lá encontraram motivos para a sua criatividade. ALV esteve sempre rodeado de estetas que, como ele, só pela arte se podiam encontrar.

Assim se compreende que, depois da sua morte, os marinhenses tenham querido dar continuidade a esse culto pelas artes na sua praia, e tenham organizado um “FESTIVAL DE SÃO PEDRO DE MOEL” , que foi levado a bom termo em 12 de Agosto de 1961. No folheto publicitário pode ler-se:

Em homenagem a ALV se realiza este festival e é inaugurado o busto do poeta, na praça que tem o seu nome, em S. Pedro de Moel.

Desse festival fizeram parte representações do Teatro Vicentino, uma das campanhas mais acerrimamente defendidas em vida de ALV, com as peças *Monólogo do Vaqueiro*, *Todo o Mundo e Ninguém*, *Auto da Alma*; Música (*Canções de Saudade e Amor*), Dança (*A Dança do Vento*, *Três Danças Antigas*), e a inauguração do busto, obra de um filho da terra, o escultor Joaquim Correia, que tão bem soube interpretar a imagem de um homem com quem privou de perto e que contribuiu em muito para que os seus estudos artísticos tenham sido uma realidade.

Depois deste realizou-se ainda uma segunda iniciativa, em 13 de Agosto de 1966, o “II FESTIVAL DE SÃO PEDRO DE MUEL”, mas aos poucos estas iniciativas de índole cultural acabaram por ir morrendo.

Ora, o que não morrerá nunca é a obra do poeta, e as dimensões que nela adquiriu a presença marítima e o pinhal de el-Rei D. Dinis. E essa podemos continuar a lê-la, não com muita facilidade, pois a maior parte dos seus livros encontram-se actualmente esgotados, mas recorrendo à BML, que possui a sua obra completa.

Assim, se percorrermos a sua obra poética encontraremos sempre uma linha definidora em que o mar é a raiz comum. Nos seus primeiros livros, duma juventude ainda presa a velhos estereótipos românticos — *Para Quê?*, de 1897 e *Naufrago. Versos Lusitanos*, de 1898 — começam já a ouvir-se os apelos de uma natureza campestre ou marítima, mas que seja o inverso da cidade:

PASSEIO AO SOL

**Deixo enfim os asfaltos da cidade
E os céos de magoa, verdes, em estagnancia,
E ao ar livre que sabe a mocidade
Encho os meus pulmões d`ar e a alma d`infancia.**

**Neste regresso á tranquillidade
Por caminhos ao sol, vou numa ancia,
Bebo o ar, bebo o sol, bebo a saudade
Que se evola dos longes, a distancia...**

**Acenam-me de longe os pinheiraes;
Quando eu passo, uma nora que gemia
Vae moendo a sua dôr, e pôe-se aos ais...**

**E ao sol, em meio da sonhada Paz,
Sinto nascer em mim a nostalgia
Das cidades, á noite, á luz do gaz...** (in *Para Quê?*, pp. 55-6)

Na definição que então encontra para si próprio e para toda uma geração que ele representa, o mar é o elemento determinante, que carrega o nosso destino de um fatalismo herdado do passado:

PORTUGUEZ D`HOJE

**Fui dado á luz em Terra portugueza,
Sou d`um Povo do mar que canta o fado:
E d`ahi vem meu mal, minha tristeza,
Vinte annos velhos, todo o meu cuidado!
Sou d`um Povo que sonha, canta e reza,
Aquelle a que deitaram mao olhado...
Sou o que morre, o ultimo, o do fim,
Sou o Portuguez d`Hoje: agora vim. [...]** (in *Naufrago*, p. 5)

Do tempo de Coimbra, enquanto estudante, o que ficou foi o *Auto da Sebenta*, de 1899, paródia ao corpo docente de então, enquadrada nas comemorações do Centenário da “Sebenta”, *A Elegia da Cabra*, de 1900, e outro livro de versos, de despedida — *O Meu Adeus*, de 1900 — cuja última composição ficou para sempre na mente dos portugueses:

A ULTIMA CANTIGA

**Esta palavra Saudade
Aquelle que a inventou,
A primeira vez que a disse
Com certeza que chorou.** (in *O Meu Adeus*, p. 41)

Em *O Poeta Saudade*, de 1901, A. L. V. começa a encontrar um caminho específico, que o leva para o lado nebuloso, vago e melancólico da vida, e que tem sempre o mar como pano de fundo:

**[...] um moço Portuguez, que ouviu aquella
Voz do remóto, que o chamou, do mar...
E ficou, e partiu, sempre atraz della,
Saudoso de partir e de ficar!** (in *O Poeta Saudade*, p. 6)

Com *O Encoberto*, de 1905, há uma opção deliberada por uma recriação do mito de D. Sebastião, como a esperança messiânica de um povo que se recusa a alterar o seu destino, e continua a ver no mar, no nevoeiro, na saudade, nas ilhas encantadas de todas as almas sonhadoras, o único caminho que pode ir dar ao Futuro. O Sebastianismo acaba por ser assumido como uma das mais fortes características da nossa portugalidade e, talvez, como o motor de acção que pode impulsionar o mundo. Veja-se a simbologia da dedicatória com que abre esse livro:

Aos que o esperam, na vida:

Dae-lhe a alma e a forma: encarnação

Dae-lhe da vossa pura humanidade.

E sabereis seu nome ao certo, então:

seu verdadeiro nome de Verdade.

Mas com *Ar Livre*, de 1906, *O Pão e as Rosas*, de 1908, *Rosas Bravas*, de 1911 e *Canções do Vento e do Sol*, de 1911, é a Natureza-mãe que entra pelo deserto da Vida, com uma lufada de ar fresco, e dá um novo vigor à sua poesia, enchendo-a de ritmos simbolistas, musicais e ritmados, onde a força musical da linguagem consegue, por momentos, ofuscar a mágoa do destino:

OS BÚZIOS

**Vive em nós, canta em nós, continuamente,
esta voz de lá-longe sussurrante,
a errante e vaga voz do mar ausente;
voz antiga e dormente, a cada instante
revive em nós e, rumorosamente,
é sempre diferente e semelhante;
vive em nós, canta em nós, longinquamente,
cabe nas nossas conchas, expirante,
tôda a alma da água, longa e ingente;
voz antiga e dormente, alma distante,
errante e vaga voz do mar plangente,
é voz e é alma, é vaga e é constante;**

vive em nós, canta em nós, eternamente... (in *Ar Livre*, p. 171)

Ou a presença e o efeito que os elementos da Natureza podem ter sobre nós:

NO TRONCO DUM PINHEIRO DA FLORESTA

**A infinita frase dos pinhaes
cantou embaladora à minha infância,
e ficou em minha alma a ressonância
destas religiosas catedraes...**

**Em cada inverno as árvores doridas
fogem do mundo, deixam-no sozinho;
só estas, sempre fielmente erguidas,
mantêm no mesmo gesto igual carinho.**

**Verdes amigos certos para a gente,
têm a constância na adversidade,
dão a saude e ensinam a bondade,**

— a **Bondade: justiça sorridente.** (in *O Pão e as Rosas*, p. 103)

ESPUMA

Mais leve que a pluma
que no ar balança,
pela praia dança
a ligeira espuma.
Dançando se afaga
no alado bailar!
Pétalas da vaga,
poeira do mar...

Espuma de neve,
ergue-a num momento
a curiosa e leve,
vaga mão do vento.
Mas o vento, achando
que da mão lhe escorre,
com ela brincando
pela praia corre...

Eis se ergue e dissolve,
coisa láctea e pura,
onde o luar se envolve
na fervente alvura.
Espuma levada
das águas ao rés,
renda evaporada,
jóia das marés!

Mais leve que a pluma
que no ar ondeia,
pela fina areia
baila, aérea, a espuma.

E na dança etérea,
que implacável ronda!
Bafo da matéria,
penugem da onda... (in *Canções do Vento e do Sol*, pp. 79-80)

A atracção pela figura de S. Francisco de Assis começa já a delinear-se, numa mistura de paganismo e de cristianismo, que a figura do Santo consegue sintetizar deliciosamente, e iria dar lugar à singeleza da peça *Rosas Bravas* — Acto em verso, lhe chamou ALV — com melodias de Tomás Borba, e que foi representado pela primeira vez no Teatro da Republica em 5 de Abril de 1911.

Relembremos um pouco do “**Cântico do Sol**” (in *O Pão e as Rosas*, pp. 149-51):

Louvada sejas tu, mãe Natureza,
mãe gloriosa e bela da Beleza,
— e com todas as tuas criaturas—
pelo irmão senhor Sol, o mais bondoso
e glorioso irmão pelas alturas,
o verdadeiro, o belo, que alumia
criando a pura glória — a luz do dia!

[...]

Louvada sempre sejas, mãe querida,
porque és mãe, porque és bela, porque és forte:
louvada pela irman Vida,
louvada pela irman Morte.

Decorre provavelmente desta fase de aceitação da Natureza por aquilo que nos dá, diremos, deste estado de graça que permite ao poeta aceitar o mundo como ele é, ou, quem sabe?, usando uma estratégia de sublimação, refugiar-se no que resta de inocente e promissor de um novo mundo — as crianças. Em 1911 aparecem *Os Animais Nossos Amigos*, em 1912 *Bartolomeu Marinheiro* (e há felizmente no mercado duas belíssimas edições dos “livros Cotovia”, que, em 1992 reeditaram estas obras segundo as 1^{as}. edições, com as belas ilustrações de Raul Lino), em 1915 as *Poesias sobre as Cenas Infantis de Schumann*, do qual não resisto a relembrar a composição final “**Fala o Poeta**”, onde os temores do adulto ALV se sobrepõem a todo um clima suave, fantástico e maravilhoso, que antes tinha conseguido criar:

**Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!
E rezo agora a minha prece.
Falar de crianças, é rezar.**

**Oh! pensar que elas hão-de crescer
e ser os homens de algum dia!
Pensar que toda esta alegria
se enflora agora para mais não ser!**

**Mas que pena, meu Deus, que as crianças
não fiquem toda a vida assim,
enchendo a Terra de risos e esperanças,
florindo a nossa vida até ao fim!**

**Oh! pensar que elas hão-de crescer,
tudo nelas mudar quanto se vê,
e que hão-de, como nós, saber, sofrer,
e ser homens — ser maus, que o mesmo é...**

**A noite cai, mal amanhece,
o dia vai, pra não voltar...
Nos grandes olhos das crianças vê-se
o infinito em flor desabrochar!**

Embrenhado num estado de espírito que poderemos considerar a meio caminho entre a esperança e a promessa de um Futuro que há-de ser, e o sofrimento antecipado pelo receio, quase pânico, da nossa incapacidade para lidar com a Vida, ALV, entra numa das fases mais literariamente produtivas da sua vida, com obras que se tornaram marcos definidores da sua poética — *Ilhas de Bruma*, de 1917, *Canções de Saudade e de Amor*, de 1917, *Crisfal*, de 1920, *Cantos Portugueses*, de 1920, *País Lilás*, *Desterro Azul*, de 1922.

Efectivamente, ALV faz do seu canto, da sua poesia, a melhor fonte de divulgação de alguns dos nossos valores mais tradicionais, e da nossa portugalidade, glosando temas do nosso Romancelheiro Tradicional (a Nau Catrineta, a Bela Infanta, o romance de Dona Ausenda), ou evocando figuras como as de D. Denis, Dom Pedro e Dona Inês, Dom Sebastião, o Infante de Sagres, Sórora Mariana, Camilo Castelo Branco, Mouzinho de Albuquerque, Santo António, e tantos outros. Assim se compreendem as suas “Saudades

Trágico-Marítimas”, onde o poeta se afirma, por excelência, o vate dessa alma profundamente portuguesa, onde o mar é o princípio e o fim de todos os ritmos portugueses — melancólicos, tristes, saudosos, trágicos, como todos os apelos que, vindos do vago, ao vago regressam:

Chora no ritmo do meu sangue o Mar. (in *Ilhas de Bruma*)

Se é verdade que é sobretudo por estas obras que ALV passa a ser um dos poetas consagrados da Literatura Portuguesa, e que nelas reafirma uma temática nacionalista que se podia já adivinhar nas suas tentativas da juventude, a verdade é que a partir de certa altura ALV se cerca de todo um ideário — a que chamou o “espírito Lusfada”, e que os manuais registam como um neo-garrettismo, ou seja, a tentativa de voltar a encontrar num passado nacional os valores em que o futuro se podia alicerçar, a portugalidade — também é verdade que é este lado da sua obra o que mais críticas negativas tem recebido, embora a maior parte das acusações caiam em fundo falso. Nunca ALV se escondeu atrás da literatura, nem nunca esqueceu que a acção é a mãe de toda a alteração. A dificuldade esteve, e continua a estar, em entendermos a acção cultural como uma acção eficaz.

Desde sempre o poeta teve consciência do risco de incompreensão que o cerca(va), e já em 16 de Março 1918, numa conferência intitulada “A Proposito da Obra Poetica da Senhora D. Maria Amalia”, proferida na Sociedade das Belas Artes, afirma:

Por isso nós todos, que amamos a Poesia e consideramos mesmo a tradição lírica nacional como um dos mais belos segredos da resistência heróica da Raça, — porque em Portugal a poesia nunca foi um jogo do espírito, mas foi sempre e é ainda uma das mais fortes razões da Nacionalidade [...]” (p. 8) e “[...] visto que a mais bela poesia é aquela que se produz na acção e não a que se escreve [...]” (p.11)

Contrapostas a estas, aparecem algo injustas as palavras de Nuno de Sampaio, num artigo intitulado “Tempo e Espaço em ALV”, que apareceu em *O Comércio do Porto*, de 17 de Setembro de 1969:

Tempo de uma época de crise, dúvida e saudade, em que se detestava o presente, e se ampliava tanto a imagem do passado, que a tradição parecia aos olhos de ALV e de alguns dos seus contemporâneos preferível, superior à vida. Este o drama do autor do “Cancioneiro”, último garrettiano e derradeiro camoniano, que foi poeta, esteta e patriota: ter vivido num tempo de crise em que o espaço de Portugal que valia a pena era um espaço literário.

Nuno de Sampaio parece esquecer que a oposição fundamental em ALV não é entre o espaço real e o espaço literário, nem entre uma desconfortável realidade e um passado confortável, mas sim uma síntese que ele conseguiu fazer como ninguém, entre um literário que é memória cultural, e sem o qual é impossível construir o que quer que seja de profundamente verdadeiro neste presente. ALV sabia que é na acção que os homens se distinguem, e provou-o algumas vezes, mas sentia que não há pragmatismo que possa

vencer sem tradição, no sentido de alicerces estimulantes para um novo mundo.

Adivinhando esta incompreensão, que de algum modo sempre tem atingido os grandes homens-poetas. ALV deixou uma poesia aos seus amigos, que não julgou digna de publicação (e permaneceu inédita até 30 de Março de 1966, quando apareceu num artigo inserido no jornal *O Século*), em que procura, com ironia, demonstrar como por vezes os opostos parecem conjugar-se na definição de uma mesma pessoa, que a tudo isso permanece tão alheia:

SOBRE MIM MESMO

**Discutir? Que maçada! Vou
dizer quem sou — um pobre artista.
E quanto a política sou
anarquista e sebastianista.**

**Delicioso meu destino!
Todos dizem de mim, com graça:
Os talassas — que jacobino!
Os Jacobinos — que talassa!...**

**Mas alma jacobina ou acácia
exactamente igual fedor!
E eu sou entre todo este horror
um rouxinol que estuda Farmácia!**

Em 1935 o episódio desagradável com o texto *Éclogas de Agora*, que acabou por ser apreendido pela Censura, desencadeou o “exílio voluntário” de ALV nas Cortes e em S. Pedro, definitivamente desiludido e afastado de uma vida política que não se quadrava com a sua grandeza de homem de acção. Deste texto podemos encontrar alguns exemplares na BML, e há uma edição cuidada que Cecília Barreira publicou, com um estudo introdutório, em 1986, e que foi apoiada pelo então Instituto Português do Livro.

Em 1940, ALV escrevia a sua última obra poética, voltando aos seus locais preferidos, reconciliando-se pela arte com um mundo em ebulição, que sonhou transformar, e que confirmou não poder senão amar, amar e amar até ao fim. Por isso o seu amor por tudo quanto é português começou e acabou em Camões e em *Os Lusíadas*, de onde nasceu o título da grande obra da sua maturidade — *Onde a Terra se acaba e o Mar começa*. Aí volta a cantar a pátria, tema fundamental de toda a sua obra, e os seus heróis, sobretudo Camões, e dá o melhor da sua poesia em canções que retomam toda a nossa anterior tradição do cancionero, com a singeleza, musicalidade e emoção que marcam toda a nossa tradição poética. Vejamos a sua canção de abertura:

**Onde a terra se acaba e o mar começa
é Portugal;
simples pretexto para o litoral,
verde nau que ao mar largo se arremessa.**

**Onde a terra se acaba e o mar começa
a Estremadura está,
com o Verde pino que em glória florece,**

mosteiros, castelos, tanta pátria ali há!

**Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...**

**Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria — além, além!...**

Dissolvido nesse além que foi a sua pátria, mas ainda presente aqui entre nós, 50 anos passados sobre a sua morte, gostaria de deixar falar alguém da sua família, o Dr. Filipe Lopes Vieira Charters de Oliveira, que com estas palavras o homenageou, na inauguração póstuma do busto de Francisco Franco, no Largo da Rosa:

[...] Ele agitou, entre uma multidão quantas vezes / ignorante, distraída ou hostil a bandeira do seu combate: amar as coisas de Portugal para que, pela consciência do que somos e do que criámos no mundo, podermos reaportuguesar Portugal. Conhecer a nossa real personalidade, sermos verdadeiros senhores da nossa sensibilidade, da nossa história, do nosso futuro. [...]

Muito moço ainda, em 1899, mas já com a morte na linha do destino, escreve ALV este pequeno poema muito pouco divulgado, por ter aparecido numa revista de Arte e Critica de Viseu, de nome *Ave-Azul*:

O meu Epitaphio

**Lembrar é doce, mas dóe...
Que vos lembre esta cruz preta
Alguem que na vida foi
Bom portuguez e mau poeta.**

**Amou e foi desamado,
Nunca na Vida deu nada;
Foi leal, e atraídoado,
E amou sua Patria amada.**

**E elle pede ás raparigas
Que por aqui vão com Deus,
Que cantem suas cantigas
E que lhe digam adeus...**

Provavelmente é esta a melhor homenagem que podemos fazer ao nosso poeta — continuar a cantar as suas cantigas e continuar a dizer-lhe adeus da casa que foi sua por eleição espiritual. Sem isso estaremos a atraídoar uma herança cultural que nos foi legada, e que temos obrigação de fazer frutificar e de partilhar com os outros, para que a dimensão cultural desta terra possa vir a ser uma realidade.